

TEATRO

O teatro Prólogo
O teatro é uma
atividade esta mesa
processo através
em momentos melancólicos
sua a... V... ao
teatro e p...
na dança,
e conjuntos de
tudo esp...
rotários de filmes
teatralizados, enfim
no nível escênico
O essencial: O verbo.
sua existência: O verbo

Tudo mit palavras
esitas para esta
trabalho e hoje preferiu
Se algum fundador
Assim sendo, me
apelo - S. emenda
da Constituição Brasileira
Se a a menos pior
de todos, e me
resumo o direito
de ficar calado
Luc
Johns res do ouro.
Mil e uma histórias
dom...
coloma. C. 2. 1.

Lição Número 18

RECRIAÇÃO DO ASSOMBROSO MANUSCRITO

Lição Número 18

RECRIAÇÃO DO ASSOMBROSO

MANUSCRITO

DOC COMPARATO

DOC COMPARATO

Lição Número 18
RECRIAÇÃO DO ASSOMBROSO
MANUSCRITO

DRAMATURGIA BRASILEIRA
CONTEMPORÂNEA

TEATRO

2020

ADVERTÊNCIA

É expressamente proibida a encenação, parcial ou total, pública, leituras, reuniões, reproduções, por amadores ou profissionais, ou qualquer outro tipo de difusão deste texto teatral, constituindo crime previsto em lei, estando o material registrado pela General Society of Authors and Publishers of Spain (SGAE) e pela Associação Brasileira de Música e Artes (ABRAMUS) Todos os direitos são reservados, necessitando-se autorização do autor para esses propósitos.

SGAE - BRASIL: www.sgae.es
raraujo@sgae.com.br

ABRAMUS: www.abramus.org.br

COPYRIGHT WARNING

The plays here for sale are under registered copyright © by the author under the The General Society of Authors and Publishers of Spain (SGAE) and also The Brazilian Society of Music and Arts (ABRAMUS). Copying the part or the entirety of these plays or using any copyrighted materials other than what the law allows may be subject to prosecution.

You are not allowed to copy, reproduce, broadcast, display, stage these plays or publish them on other web sites without prior written consent from the author. Under no circumstances the material can be used or published, in any way, for commercial or promotional purposes without prior authorization from the author.

Lição Número 18
Recriação do Assombroso Manuscrito
Doc Comparato

© 2020 by Doc Comparato

CAPA: Jonas Paulo Almeida
ARTE FINAL E DIAGRAMAÇÃO:
Everaldo Pinto Jr.
REVISÃO:
Werbeth Mousinho
EDIÇÃO:
Circuito Editora
27.517.056/0001-74
www.circuito.rio.br
circuitorioeditora@gmail.com

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem
autorização expressa do autor.

Registro Biblioteca Nacional: 2020.R.J.003496
Sócio SGAE: 97738
REGISTRO DOC: 823008819

skype: doccomparato
doccomparato@hotmail.com
+55 21 3042-9512 / +55 21 98201-4669
www.facebook.com/doccomparatodigital
www.doccomparato.com

*Para minha equipe,
que, dia a dia, sua a camisa
e aguenta meus humores.*

*Grato.
DC*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
ATORES E ESPAÇO	10
CENA 1 Cabine de Trem / Noite / Ano 2000	12
CENA 2 Escritório Autor / Dia / Ano 2000	15
CENA 3 Cabine Trem / Escritório Autor / Noite / Ano 2000	17
CENA 4 Ultimato do Príncipe de Verona / Noite / 1600	20
CENA 5 Quarto de Julieta e Árvore de Romeu / Dia / 1600	21
CENA 6 Espelho Julieta e Lago de Romeu - Tarde / 1600	22
CENA 7 Antes do Baile / Romeu e Julieta / Noite / 1600	26
CENA 8 Baile dos Capuletos / Noite / 1600	28
CENA 9 Cabine Trem / Manhã / Ano 2000	30
CENA 10 Lua Cheia / Colina / Mercucio / Noite	32
CENA 11 Balcão / Telhado / Aposentos de Julieta / Noite / 1600	34
CENA 12 Escritório Autor / Dia / Ano 2000	37
CENA 13 Margem do Rio Adige / Verona / Dia / 1600	39
CENA 14 Ruelas de Verona / Dia / 1600	41
CENA 15 Abadia do Frei Lourenço / Dia / 1600	42

CENA 16	Balcão / Aposentos de Julieta / Dia / 1600	44
CENA 17	Escritório Autor / Noite / Ano 2000	46
CENA 18	Campo de Trigo / Verona / Dia / 1600	50
CENA 19	Lição Dezesete do Príncipe de Verona / Dia / 1600	52
CENA 20	Abadia do Frei Lourenço / Noite / 1600	53
CENA 21	Sala / Residência Belgrado / Dia / 2000	56
CENA 22	Aparições Personagens em Concomitância / 1600-2000	58
CENA 23	Sala / Residência Belgrado / Dia / 2000	60
CENA 24	Interior Cripta / Noite / 1600	62
CENA 25	Residência Belgrado / Dia / 2000	65
CENA 26	Ultimato do Príncipe e Verona / Noite / 16000	68
CENA 27	Residência Belgrado / Dia / 2000	69
CENA 28	Residência / Arame Farpado / Cripta / Dia / 1600-2000	71
CENA 29	Residência / Arame / Cripta / Romeu-Julieta / Dia / 1600-2000	72
CENA 30	Arame / Cripta / Romeu-Julieta / Dia / 1600-2000	73

APRESENTAÇÃO

No meu entender, o Teatro atualmente atravessa um momento nebuloso. Esta arte, das mais requintadas e antigas da humanidade, o artifício de personas representarem personagens para expor aspectos da condição humana, se encontra deturpada.

No palco se apresentam dançarinos, monólogos intermináveis, coletâneas de frases soltas de poetas variados, instalações, musicais estrangeiros, roteiros cinematográficos comprimidos num texto para duas pessoas, além das comédias baratas e outras sandices patrocinadas por falsos mecenas.

Enfim, só não existe o essencial: o verbo.

NOTA:

Várias folhas foram escritas para este prólogo. Hoje resolvi guardá-las: foram engavetadas. Decidi me abrigar na Quinta Emenda da Constituição Americana, que é a menos pior de todas, e me reservo o direito de ficar calado.

Doc Comparato

SOBRE TEXTO TEATRAL

Este texto é inspirado em fatos reais e pessoais. E trata-se de uma distorção plausível da realidade.

ATORES E ESPAÇO

PERSONAGENS

Autor - ATOR MADURO

Senhora Capuleto e Mulher de Tailleur - ATRIZ MADURA

Ator jovem e Romeu Montecchio - ATOR JOVEM

Atriz jovem e Julieta Capuleto - ATRIZ JOVEM

Teobaldo - ATOR JOVEM / MADURO

Frei Lourenço - ATOR MADURO

Mercucio - ATRIZ JOVEM (participação especial)

Príncipe e Homem de Chapéu - ATOR JOVEM NEGRO (participação especial)

Ama - ATRIZ MADURA (grande atriz convidada)

CENOGRAFIA

Placas, paredes e cubos de acrílico, projeções de fotos e imagens.

Globo emaranhado de arame farpado.

Mesa de acrílico e utensílios descritos na cena (incluindo uma câmera digital).

Fundo neutro propício para projeções.

FIGURINOS

Acreditamos que os figurinos devam ser caprichosamente de época, ressaltados por uma iluminação impecável.

LIÇÃO NÚMERO 18
RECRIAÇÃO DO ASSOMBROSO MANUSCRITO

CENA 1

Cabine de Trem / Noite / Ano 2000

*Tudo escuro.
Abre-se o pano.*

Ouve-se o apito do trem. Depois o ruído da maquinaria começando a se movimentar.

Os atores vão aparecendo sob focos de luz conforme forem falando. Eles estão a caminho de Turim, no ano 2000, soltos pelo palco e acabam se juntando como se estivessem em uma cabine de trem.

Falam em forma de jogral e por vezes se movem.

Os atores estão vestidos de negro.

No fundo pode haver a projeção da luxuosa cabine de um trem moderno.

Luz pisca eventualmente, como se estivesse passando pelas janelas de um trem moderno em movimento.

ATOR JOVEM - Dizem que a Itália é uma bota. Estamos correndo bota acima, de trem. A viagem é de Roma para Turim.

ATRIZ JOVEM - No expresso noturno para Turim. Ano: 2000. No início do Terceiro Milênio. Quase nada trepida. Nem os botões dourados dos impecáveis funcionários do trem.

ATOR JOVEM - Vagão três, cabine A dezessete, primeira classe. Nada pode perturbar aquele percurso fino e sedoso pela península itálica.

AUTOR - Ao contrário do que se imagina, não sou uma pessoa erudita. Tenho os conhecimentos da minha profissão: lido com palavras, textos e peças de teatro. Sou um dramaturgo, roteirista. Escrevo para cinema, televisão, streaming.

ATRIZ JOVEM - E o que está fazendo neste trem? Um brasileiro vivendo algo tão sofisticado? Logo no noturno mais deslizante da Europa.

ATOR JOVEM - Ele vive um fiasco. O autor sul-americano engole uma derrota amarga. Bananeiras de Carmem Miranda se dobram... Murcham.

Em Roma. A peça dele foi um fracasso e ele foge para Turim buscando uma agente europeia que lhe salve a vida.

AUTOR - Cala a boca!

ATRIZ JOVEM - Vagão três, cabine A dezessete. Numa noite de lua. Não, não, mentira: era uma noite nebulosa. Também não importa tanto. Outro mero detalhe sem relevância. Isso tudo é só para provar que em qualquer palco há um grau de ficção extremamente significativo.

AUTOR - Odeio erudição, ela é quase sempre infrutífera, é estéril, mais próxima da mediocridade do que da sabedoria... Sou um autor profissional num trem. Ponto final.

ATRIZ JOVEM - Os autores jovens e iniciantes têm a tendência de plagiar.

ATOR JOVEM - Já os profissionais roubam descaradamente o texto do outro colega, de preferência um escritor iniciante. Anônimo.

AUTOR - Por favor, me deixem em paz... Esses pensamentos só aumentam meu bloqueio criativo... Onde coloquei as aspirinas?

ATRIZ JOVEM - Bloqueio criativo. A folha em branco continua imaculada. Ali não entram palavras, nem saem ideias. Tudo descartado.

ATOR JOVEM - Medo. De ousar. Mesmo sabendo que a única lei da dramaturgia é que não existem leis na dramaturgia.

ATRIZ JOVEM - O medo de sempre: de errar, ser um fracasso e rejeitado pelo público... A solução do problema é: não escrever.

AUTOR - Dor de cabeça... Só pode ser enxaqueca. Com esses dois demônios espirrando angústias em meus ouvidos.

ATOR JOVEM - E por que escreveu naquele artigo que Shakespeare não criou nada? Melhorou o que existia?

ATRIZ JOVEM - Ele concebeu novas portas, pontes e janelas criativas, como se fosse o arquiteto da alma humana.

AUTOR - Que bobagem... A alma, a arquitetura humana... Pensem bem: mesmo num trem ultramoderno nossa alma continua andando de sandálias como se fôssemos gregos presos às mesmas emoções e infundáveis terrores... Pela simples razão que continuamos com a mesma capacidade de matar, amar, odiar, vigiar... Invejar... E sonhar com o fracasso. Fomos, somos e seremos humanos! Exalando perfumes e venenos.

Instantes.

ATRIZ JOVEM - Ocorre um evento inesperado... Toc, toc... Alguém bate na porta da cabine.

ATOR JOVEM - A visita surpreendente do mercador de manuscritos.
Raros.

Mudança de luz.

Tudo escuro.

CENA 2

Escritório Autor/Dia/Ano 2000

Foco sobre uma mesa de acrílico do autor, sobre a qual estão objetos de escritório, como computador, documentos, papéis, canetas etc., e um avantajado calendário que marca o ano 2000. Instantes.

O autor se apresenta trajando esporte fino.

Em algumas placas de acrílico são projetadas imagens de manuscritos antigos.

Em frente ao autor há uma câmera sobre um tripé. Parece que ele está dando uma aula, conferência ou entrevista à distância.

AUTOR - Sim. Realmente o comércio de manuscritos está se tornando cada dia mais importante. E o valor desses documentos alcançou um patamar quase idêntico às grandes obras de arte. Um bilhete escrito por Einstein vale uma fortuna.

Instantes.

Muda a imagem do manuscrito projetada na tela.

AUTOR - A razão? É porque esses escritos contêm a capacidade de evocar o ser humano em um momento registrado no papel. A captura desses momentos fugazes possui duas faces: a claridade do que está ali expressado e o mistério do indecifrável ali exposto. Em outras palavras, a semente da criação.

Instantes.

Muda a imagem de alguns manuscritos projetados na tela.

AUTOR - São manuscritos de figuras históricas que, num rompante de felicidade, suspiros de tristeza, espasmos de dor ou chamadas da rebeldia, expuseram suas raízes mais profundas.

Instantes.

Muda a imagem de alguns manuscritos projetados na tela.

AUTOR - De fato. A escrita à mão, apesar de ser um ato solitário, se tornou uma arte social no instante em que passou a ser exposta nos museus. E disputada nos leilões. Uma explicação? O valor do

manuscrito cresce na mesma proporção em que as pessoas escrevem menos à mão e mais no teclado do computador.

Silêncio.

AUTOR - Com certeza. Escrever à mão é o rastro mais visceral da existência de alguém. O estudo da caligrafia de um criador revela seu estado de espírito e, acima de tudo, expõe a chave de seu talento.

Tudo escuro.

CENA 3

Cabine Trem/Escritório Autor/Noite/Ano 2000

Foco sobre um homem negro que usa uma gravata estapafúrdia e um terno azul marinho. Ele segura o livro antigo de manuscritos (ver descrição abaixo).

Luz concomitante em dois ambientes.

Retorna à ambientação do trem.

Nas imagens projetadas voltamos aos interiores de trens.

Estão presentes somente atriz jovem e ator jovem.

ATRIZ JOVEM - Toc, toc... Alguém bate na cabine.

ATOR JOVEM - A visita de uma perversa ambição.

Em concomitância, luz no escritório do autor.

Ele está em frente à câmera.

AUTOR - Preciosidades literárias... Manuscritos capazes de mudar a história... Os últimos estudos sobre William Shakespeare, como foi publicado na imprensa inglesa. Relata que o dramaturgo extraiu a essência de sua peça "Romeu e Julieta" do texto do italiano Luigi Groto. O título do livro?

Atriz jovem pega a encadernação antiga das mãos do homem negro.

Luz se mantém sobre o homem negro.

ATRIZ JOVEM - Capa de couro de cabra curtido, folhas de pergaminho, bordas feridas pela umidade, onde se encontra a peça "La Hadriana" escrita à mão por Luigi Groto. O verdadeiro autor. Um pouco destruída pelo tempo, guerra e inveja. Perdida pela Itália Medieval.

Atriz jovem entrega a encadernação ao autor.

ATOR JOVEM - Cobiçada pelos grandes colecionadores, milionários excêntricos e universidades, todos atônitos para revelar ao mundo o plágio de William Shakespeare. Ou terá sido só o roubo da ideia original? Talvez o germe do saber.

*Mais foco sobre o autor, que segura a encadernação.
Ele, embevecido, manuseia a encadernação.*

AUTOR - Pensei: são os famosos hieróglifos de ouro diante dos meus olhos. A semente da genialidade de Shakespeare seria um plágio? Ou essas gotas de tinta... Essas palavras borradas... Talvez tenham servido apenas como chispas luminosas... Estímulos misteriosos que iluminaram a mente de Shakespeare.

ATRIZ JOVEM - Escrever é tentar deglutir todos os sentimentos, para depois formar um caleidoscópio chamado criatividade.

ATOR JOVEM - É sempre bom lembrar que "Romeu e Julieta" não é uma história de amor. É uma tragédia.

*O mercador se dirige ao autor.
O autor manuseia os manuscritos.*

MERCADOR - Repare a grafia de Luigi: letra viril, alta, de traços fechados e inclinados para a direita.

AUTOR - No final a escrita se torna redonda, mais espaçada, quase sutil.

MERCADOR - Ao registrar as vicissitudes finais de sua peça "La Hadriana", diz a lenda que vivia febril e luxurioso, mas que jamais perdeu o senso de ritmo do espetáculo.

Silêncio.

MERCADOR - Assisti à sua entrevista: sei que tem contatos. Avise aos seus amigos que o material está à venda. Terá a noite inteira para ler. Espero a sua resposta pela manhã, ao desembarcarmos em Turim.

Autor manuseia a encadernação.

AUTOR - Senti a espessura das folhas. A porosidade da capa. O itálico antigo e a linguagem renascentista. A princípio a leitura pareceu enigmática. Aos poucos se dissolveu feito gelo.

*Luz do escritório se apaga e também o foco sobre o mercador.
Ambiente do trem iluminado.
Presentes atriz jovem e ator jovem.*

ATOR JOVEM - Depois que o contrabandista saiu, entrou o chefe da cabine. Aquele dos botões dourados e impecável uniforme branco.

ATRIZ JOVEM - Coitado do autor. Teve que ler a noite inteira. Sem se alimentar? Jamais.

ATOR JOVEM - Pediu ao serviço de bordo salada Caprese, presunto de Parma, parppadelle all funghi, bisteca a la Fiorentina , água mineral Pelegrini e vinho Amarone clássico, safra de 1990. Por acaso é produzido em Verona, onde se passa a peça "Romeu e Julieta".

ATRIZ JOVEM - Um bon vivant. Falido, mas sem perder a pose e a sofisticação. Afinal, a vida é feita de pequenos momentos. Detalhes, Roberto e Erasmo Carlos.

AUTOR - Abro a página do pergaminho de couro de cabra... Um sopro de espanto toma o meu semblante. A arte cheirando a uma amálgama de ouro, incenso e mirra.

Luz apaga no escritório.

Atriz e ator jovens movem as placas de acrílico, enquanto anunciam.

ATOR JOVEM - Estamos em Verona, ano santo de mil e seiscentos.

ATRIZ JOVEM - Em cartaz para o distinto público: "La Hadriana - Lição Número Dezoito". Verdadeira ou apócrifa? Autor: Luigi Groto.

ATOR JOVEM - Senhoras e senhores, bem-vindos ao espetáculo.

JOVEM ATRIZ - O Ultimato do Príncipe de Verona, mil e seiscentos, Itália!

Instantes.

Começam a tocar trombetas.

Tudo escuro.

CENA 4

Ultimato do Príncipe De Verona/Noite/1600

Luz.

Na placa de acrílico ao fundo é projetado o emblema do príncipe de Verona.

Surge o príncipe de Verona, iluminado de baixo para cima.

É o ator negro envolto em roupa branca e brilhante.

Além da coroa, tem um véu branco sobre o rosto, que esconde sua identidade.

PRÍNCIPE DE VERONA - Súditos, somos sua Sereníssima Alteza Príncipe de Verona e estamos aqui para declarar um ultimato. Estamos no ano santo de mil e seiscentos. A desvairada discórdia que se abate entre as nobres famílias Capuleto e Montecchio só nos traz vergonha. Somos seres civilizados e letrados. Esses dois clãs constroem atalhos de rancor escorrendo pelas fontes de cidade, praças e ruelas. Basta! Agora ouçam a nossa sentença, lição número dezesseis: daqui em diante se mais uma discórdia houver entre os membros das famílias ou seus vassalos, guerreiros ou servidores, a pena será única e válida para todos, do nobre ao sangue plebeu. A pena de morte! Sem salvação, apelação ou clemência. Audiência encerrada.

Tocam rapidamente as trombetas.

Instantes.

Tudo escuro.

CENA 5

Quarto de Julieta e Árvore de Romeu/Dia/1600

Os atores manejam as placas de acrílicos, formando dois ambientes. De um lado, o quarto de Julieta marcado por um dossel; do outro, uma estante de acrílico repleta de bonsais, que formam o bosque de Romeu.

Ouve-se um galo cantar.

Luz.

De um lado estão Julieta, sua mãe e a ama. Do outro, Romeu e Mercucio.

Recordar que a atriz jovem é Julieta e Romeu é o ator jovem.

LADO DE JULIETA SE ILUMINA

Abre-se a cena com a mãe (senhora Capuleto) e a ama.

SENHORA CAPULETO - O galo já cantou. Onde está minha filha?

AMA - Aquela ovelhinha, onde se meteu? Julieta? Sua mãe. A senhora Capuleto. Quer vê-la imediatamente.

Julieta se apresenta.

Silêncio.

JULIETA - Até hoje não sei quantos anos tenho.

SENHORA CAPULETO - O assunto é reservado.

JULIETA - Por que tanto segredo?

Reação de tristeza da ama.

AMA - Por minha fé posso dizer a idade da menina sem errar uma hora.

SENHORA CAPULETO - Uma idade razoável.

JULIETA - Idade razoável...

AMA - Que aposto meus quatorze dentes, embora, com tristeza

confesso, só tenho quatro, que fará quatorze anos em pouco mais de duas semanas.

Silêncio.

AMA - Quer dizer que... Seu corpo está preparado para o amor. Que me lembro cada dia do seu aniversário. Recordo bem... Anos atrás, quando foi desmamada. Coloquei uma bebida no meu seio... Quando provou o absinto do bico do peito achou amargo e não quis mamar nunca mais...

JULIETA - Ouvi essa história mais de mil vezes.

SENHORA CAPULETO - Chega disso, ama.

AMA - Vou me esconder no silêncio da minha insignificância com uma única palavra: casamento.

JULIETA - Casamento? É uma honra com a qual não sonho.

SENHORA CAPULETO - Quatorze anos. O universo lhe fez mulher. Conjugou estrelas em seu corpo. Descobriu sua idade agora?

AMA - É uma honra casar. Siga o conselho da sua mãe e o nome que a família indicar.

SENHORA CAPULETO - Passou o tempo de ser donzela. Com sua idade já era a senhora desta casa, enquanto minha Julieta continua uma donzela.

AMA - Verona não possui uma flor igual a nossa Julieta.

SENHORA CAPULETO - Julieta é a joia dos Capuletos e o futuro de nossa família... Assim, em poucas palavras: o nobre Páris procura esposa.

JULIETA - Páris, o fidalgo? Alto e esguio. Olho de peixe.

AMA - É o homem que o mundo deseja. É feito da mesma tinta com que se pintam os tetos das capelas... Pigmentos de ouro e arcadas de pedras preciosas.

SENHORA CAPULETO - Será capaz de amar esse fidalgo? Responde.

Silêncio.

AMA - Claro que vai amar esse fidalgo. Certeza absoluta.

JULIETA - Não seria melhor pensar um pouco mais sobre o tema?

AMA - As meninas nessa idade não sabem o que pensar, senhora Capuleto. É uma questão de tempo.

JULIETA - E de onde nasce tanta certeza?

SENHORA CAPULETO - Da minha sabedoria. Como mãe, afirmo: leia o rosto de Páris e descubra o encanto escrito com a pena da gentileza, observe os detalhes de seu semblante... Depois repare na harmonia de cada feição, veja como uma realça a outra e que algo obscuro ainda resiste... Existe uma atração na margem dos olhos...

JULIETA - De peixe morto.

Reação da senhora Capuleto.

JULIETA - Preciso de forças. Ninguém escuta minhas vontades. Sempre diminuem meu querer.

Mãe sai seguida por Julieta.

AMA - Diminuir? As donzelas casam e aumentam. Junto com a terceira perna dos homens, as mulheres engrossam. Os peitos parecem tetas de vacas leiteiras, as cadeiras de uma égua parideira e os orifícios descaradamente frouxos, dependendo da cenoura do marido. Julieta... Julieta...

Ama se retira atrás de Julieta.

LADO ROMEU MONTECCHIO

Mercucio e Romeu conversam junto às pequenas árvores.

ROMEU - Quantos anos tenho, Mercucio?

MERCUCIO - Vivo longe. Só me lembro das nossas brincadeiras... Ficamos tanto tempo sem nos ver.

ROMEU - Exijo uma resposta do poeta que mora em seu peito.

MERCUCIO - É tão jovem quanto um dia radiante, Romeu.

ROMEU - E por que as horas parecem tão tristes e longas?

MERCUCIO - Porque o amor tão gentil na aparência é cruel e tirano na prática. É a tristeza que alarga as horas.

ROMEU - Quem disse que penso no amor? Nunca confessei meus sentimentos.

MERCUCIO - Romeu Montecchio, meu primo, a causa desse seu estranho humor só pode ser o amor.

ROMEU - É a falta dele. Ele me nega. Parece tão secreto e fechado quanto um botão de uma flor mordida por um verme invejoso que nunca alcanço.

CENA 6

Espelho Julieta e Lago de Romeu - Tarde/1600

MESMOS ESPAÇOS DIVIDIDOS

LADO DE JULIETA SE ILUMINA

Ama segura o espelho, enquanto Julieta de veste para o baile.

LADO ROMEU MONTECCHIO

Mercucio segura um espelho inclinado como se fosse a superfície de um lago, enquanto Romeu se veste para o baile através de seu reflexo no lago.

JULIETA – Como está o corte do vestido? E o caimento? Acho o decote exagerado.

AMA – A roupa interessa pouco, Julieta. A qualidade do tecido muito menos. O importante é o porte do cabide. Olhe no espelho. Mas que linda está, flor dos Capuletos.

*Julieta continua a ajeitar o seu vestido na frente do espelho.
Ama ajuda.*

Mercucio entrega um par de sapatos a Romeu.

MERCUCIO – Quero que dance. Vamos. Calce esses sapatos de baile com solas leves.

ROMEU – Mas minha alma é de chumbo, me deixa preso no solo sem poder me mover.

Ama apanha a máscara de Julieta.

MERCUCIO – Coloque as suas asas de cúpido e voe com elas além do limite. Olhe seu reflexo no lago.

*Volta para a ama e Julieta.
Ama segura a máscara de Julieta.*

AMA – Aqui está a máscara para o baile. Tenha cuidado com ela. Não seja vulgar nem ativa em demasia. O uso da máscara e do leque requer toda uma arte.

JULIETA - Então, por favor, me ensine, ama. Não sei nada sobre esses efeitos.

Ama ajeita o decote do vestido de Julieta.

AMA - Não precisa. Já nasceu sabendo. É uma aristocrata. Uma Capuleto.

Volta para Romeu e Mercucio.

As máscaras de Julieta e Romeu são iguais. Detalhar.

MERCUCIO - Olhe seu semblante... Seu rosto de cisne irá virar corvo. Vá ao baile com a máscara dos Capuletos. Os inimigos de sua família.

ROMEU - Não posso usar essa falsidade. As lágrimas da minha família se transformarão em chamas. Será um ato herético me esconder atrás dessa máscara. O sol tudo vê, Mercucio.

MERCUCIO - A noite nada enxerga.

Silêncio.

MERCUCIO - O amor é uma transgressão. Sua idade é a idade da transformação. Se o amor é áspero, seja áspero com ele. Se ele é rude e pungente demais como um espinho, deixe que ele sangre seu coração. O amor só vale com emoção.

ROMEU - Poeta maldito. Vou colocar a máscara no meu rosto. Uma máscara sobre outra máscara.

*Romeu coloca a máscara.
Olha seu reflexo no lago.*

ROMEU - Agora posso ver minha deformidade. Tornei-me um Capuleto. Será que fico bonito de máscara?

*Volta para a Ama e Julieta.
Julieta coloca a máscara.*

AMA - A máscara ficou perfeita, Julieta. Está linda.

JULIETA - Não gosto de máscaras. São esconderijos para o rosto.

Ama se retira.

MERCUCIO - Romeu, tive um sonho esta noite... Bem diferente... Eram mortos-vivos que andavam pelas ruas e que se imaginavam verdadeiros...

*Sai Mercucio.
Romeu e Julieta terminam de se vestir.
Ambos estão prontos para o baile.
Luz cai ao fundo.*

CENA 7

Antes do Baile/Romeu e Julieta/Noite/1600

*Foco sobre Romeu e Julieta, que se aproximam da plateia.
Luz ao fundo se apaga, enquanto atores organizam os painéis de acrílico para a próxima cena.*

JULIETA - Máscaras de carnaval cobrem os rostos dos sonhadores para que possam viver ilusões mentirosas.

ROMEU - Máscaras. Usadas por homens pobres de espírito para acreditarem em suas verdades miúdas.

JULIETA - Máscaras. Mentiras, ilusões e sonhos... Devorando, consumindo a chama da vida e escondendo o rosto.

ROMEU - Baile. Carnaval. São os partos dos desejos.

JULIETA - Desejos. São cavalos que galopam noite após noite no coração dos amantes que sonham com paixões e encontros proibidos.

ROMEU - Os mesmos animais que correm pela cabeça dos mandatários sedentos de honrarias, corrupção e volúpia.

JULIETA - Uma carruagem imbatível guiada por poder, sexo e dinheiro.

ROMEU - Se falta um deles, vira negócio.

JULIETA - O dinheiro se casa com os outros dois e até consigo mesmo.

ROMEU - Máscaras. Será que escutam o tilintar das moedas nos ouvidos de um banqueiro sem piedade?

JULIETA - Será que são capazes de decifrar as gentilezas de um comerciante desonesto que vende cinco braçadas de charque podre?

ROMEU - São os espasmos invisíveis e misteriosos das máscaras.

JULIETA - E seus segredos.

ROMEU - Só as máscaras conversam com a linguagem do olhar.

Cai a luz.

O cenário está preparado para o baile.

Ouvem-se os primeiros acordes da Mourisca.

CENA 8

Baile dos Capuletos/Noite/1600

Luz.

Música.

Romeu e Julieta retiram de uma bandeja no chão braceletes de sininhos. Eles colocam os braceletes nos punhos.

Estão prontos para o baile.

Foco em Romeu e Julieta, que dançam a Mourisca estilizada, que é uma música medieval, cadenciada, alegre e graciosa.

Instantes.

Ambos levantam seus braços marcando o ritmo com os sininhos, enquanto se entreolham.

Instantes.

A mãe de Julieta, senhora Capuleto, aparece imóvel no outro canto. Ela usa uma máscara com flores de metal com as cores dos Capuletos.

Instantes.

Romeu e Julieta dançam mascarados.

ROMEU - Seus olhos brilham. Agora sim, conheço a verdadeira beleza.

Teobaldo, usando uma enorme máscara de prata que cobre seu rosto, entra no baile.

Sua figura confere uma presença ameaçadora.

Ele atravessa o salão e se aproxima da senhora Capuleto.

SENHORA CAPULETO - Sobrinho Teobaldo, por que se mostra tão agitado?

TEOBALDO - Aquela voz... Aquela voz é de um Montecchio. Como se atreve o miserável a vir até aqui encoberto para ridicularizar e escarnecer o nosso solene baile?

SENHORA CAPULETO - Sobrinho Teobaldo, nem em troca de todos os tesouros permito que seja feita uma ofensa nestes domínios. A família Capuleto é orgulhosa de sua virtuosa educação.

TEOBALDO - Uma vergonha. A conduta desse Montecchio só me traz cólera. Esse intruso, que agora parece doce, ainda se tornará vinagre ácido.

SENHORA CAPULETO - Basta. Neste solo prevalece a minha vontade.

Desenruga o cenho debaixo da máscara, pois o semblante de guerreiro assenta mal no júbilo.

Música cai.

Romeu e Julieta param de dançar.

Na bandeja agora há romãs.

Eles se aproximam da bandeja em foco.

Romeu toca a mão de Julieta. Detalhar.

ROMEU - Minha mão é indigna de tocar essa pele, quase um santo relicário. E meus lábios de um profano peregrino estão prontos para beijar sua boca num pecado de amor.

JULIETA - Peregrinos devem usar seus lábios nas orações. As santas têm suas mãos tocadas pelos seus devotos.

ROMEU - Deixe que os lábios façam o que as mãos fazem: tocá-la com meus lábios.

JULIETA - As santas são imóveis.

ROMEU - Não se mova... Vou recolher o fruto da minha prece... Mediante os lábios ficarei livre de todas as culpas.

Romeu e Julieta se beijam na boca longamente.

Instantes.

Ama se aproxima rapidamente.

AMA - Julieta, nem mais um movimento. A senhora sua mãe chama.

ROMEU - Quem é a mãe de tão virtuosa donzela?

AMA - Mancebo insolente. A mãe dela é a dona da casa: a senhora Capuleto. Nobre prudente e ilustre... Não sou cadela, mas farejo perfeitamente quando um animal intruso deve se retirar com rabo entre as pernas. Creio que é hora de partir.

Romeu se afasta enquanto levanta sua máscara.

Julieta se aproxima da ama, enquanto levanta sua máscara.

JULIETA - Ama, quem é aquele que me acompanhou na Mourisca?

AMA - Chama-se Romeu, é um Montecchio, filho único do inimigo.

JULIETA - O amor nascido do ódio. Cedo demais conheci, tarde demais descobri.

AMA - Poemas não modificam o acontecido. A festa acabou. Os convidados já foram. O intruso escafedeu-se.

Luz cai.

Silêncio.

CENA 9

Cabine Trem/Manhã/Ano 2000

Ouve-se o apito do trem.

Depois o ruído da maquinaria desacelerando por instantes até parar.

Luz pisca eventualmente, depois para.

Projeção de janelas de trens modernos.

Autor está deitado sobre o banco de acrílico.

Tem uma garrafa conhaque vazia no chão. Ao lado, um cálice.

E mais a encadernação de couro e seus manuscritos espalhados pelo chão. Foco.

Seu casaco está pendurando em um cabide.

AUTOR - Dormi... Confesso: não acabei de ler o manuscrito. Porque no meio da noite pedi um conhaque... Como todos nós sabemos, o fígado faz mal à bebida.

O autor ri da própria desgraça.

Ouve-se um novo apito.

Silêncio.

AUTOR - Cheguei à estação de Turim. Onde está o mercador?

Subitamente ouve-se o som de sirenes da polícia.

Luzes de giroscópio vermelhas tomam conta do ambiente.

Fumaça.

AUTOR - De repente, um esguicho comprido de vapor. Confusão lá fora. Problemas.

Mudança de luz.

O autor vai recolhendo os manuscritos e colocando dentro da capa de couro.

Ele tenta organizá-los.

AUTOR - Até os botões dourados dos impecáveis funcionários do trem tremiam. Olhei pela janela. Era a Interpol levando pela plataforma da estação o homem negro de terno azul marinho e gravata estapafúrdia. Algemado.

Projeções de presos procurados pela Interpol em fotos de frente e perfil.

Instantes.

AUTOR - Por um segundo nossos olhares se cruzaram... Entendi tudo: seria o guardião da relíquia teatral.

O autor veste o casaco depois de recolher todos os manuscritos.

AUTOR - Nesse instante me dei conta de que cedo ou tarde estaria na lista da Interpol. E só tinha uma saída: me livrar desse manuscrito por um bom preço e o mais rápido possível.

Luzes e sirenes se intensificam.

Autor se abraça à encadernação de couro de cabra.

Instantes.

Silêncio.

Cai luz.

CENA 10

Lua Cheia/Colina/Mercucio/Noite

*Móviles de acrílico se juntam para formar uma pequena colina.
Ao fundo são projetadas imagens da lua cheia e gorda.
Mercucio está na frente de uma das imagens projetadas.
Ele não parece estar sóbrio.
Segura um cálice de prata.
Mercucio baila em frente à lua cheia.*

MERCUCIO – Os sonhos... De que substâncias são feitos os sonhos? Aquela matéria mais fina que o ar, mais inconstante que o vento: a fantasia... O que é fantasia? É irmã da imaginação! ...De que são feitos os sonhos...? Que vento é esse que me leva para perto de alguém e me afasta deste mesmo alguém...? Romeu, Romeu, primo Montecchio, onde se escondeu? Se o amor é cego, a obscuridade é o que mais convém. Romeu, meu primo. Romeu, será que não enxerga devido a luz da lua? Então, confesso para a lua. Eu te amo. Adoro. Meu coração palpita.

*Mercucio se vira para a lua, ficando de costas para a plateia.
Vai baixando suas calças.*

MERCUCIO – É inútil procurar a quem não quer ser encontrado... Preciso te encontrar e contar quem sou... Sou, como afirmou outro poeta, a terceira margem do rio... Do rio da vida... Aquela que ninguém vê, mas que existe.

*Instantes.
Provavelmente está mostrando sua genitália para a lua.*

MERCUCIO – Lua, dama estranha da natureza, para quem posso mostrar meus lábios escarlates, brilhantes... Meu ventre, minhas coxas... Sinta a noite úmida florescendo entre as pernas... É um prazer feminino... Porque sou uma mulher.

Luz cai lentamente sobre Mercucio.

MERCUCIO – Por que me escondo no corpo de um homem? Para poder ser poeta... Por que me escondo? Para escolher a quem me entregar para ser amada...

Ele bebe do cálice.
Instantes.
Tudo escuro

CENA 11

Balcão/Telhado/Aposentos de Julieta/Noite/1600

De um lado e no alto, o quarto de Julieta.

Do outro, a outrora estante de acrílico repleta de bonsais agora é uma escada repleta de bonsais, que formam o telhado do balcão de Julieta.

Foco em Julieta envolvida num manto branco.

A lua cheia e gorda é projetada em uma das placas de acrílico. Durante a cena ela se move até desaparecer no final desta (opção cenográfica).

Ela retira de um potinho prateado uma fina areia dourada e passa delicadamente atrás das orelhas e nos punhos.

Romeu pouco a pouco vai subindo a escada, como se fosse um telhado.

JULIETA – Ama, para que serve essa areiazinha?

AMA (OFF) – Não é areia. É uma pasta: almíscar. Chegou das Índias Orientais, são essências perfumadas... Pare de falar. Vamos dormir.

JULIETA – Escuto miados no telhado, mas gatos não enxergo. Será efeito do almíscar?

Romeu sobe mais um degrau.

AMA (OFF) – É defeito da sua cabeça repleta de devaneios... Que sono.

Instantes.

Silêncio.

JULIETA – Já vou, Ama... Ai de mim, que tenho que me lambuzar com esse fermento dos confins do mundo só para esquecer Romeu... Romeu, Romeu! Renega o pai e recusa seu sobrenome. Jura somente que me ama e também não serei mais uma Capuleto. Seremos um só.

Luz por baixo de Romeu.

Ao subir, Romeu vai retirando sua roupa.

ROMEU – Roubo sua palavra. Me chama apenas de amor e serei de novo batizado. Daqui em diante ninguém me conhecerá mais como Romeu. Serei só amor.

JULIETA - Quem se esconde atrás da relva? Espero que não seja meu inimigo: um Montecchio... Se Romeu não chamasse, Romeu perderia o semblante da perfeição? Creio que não. Não faz sentido.

Instantes.

Romeu continua subindo.

JULIETA - Romeu. Ninguém pode te ver aqui, ou suas horas estarão contadas.

ROMEU - Que assim seja. Prefiro ter uma morte intensa no êxtase do amor.

AMA (OFF) - Escuto uma voz grossa... Ficou rouca?

Ama cantarola.

AMA (OFF) - Ah! Está falando com os gatos do telhado? ...Vou dormir, ovelhinha.

JULIETA - Psiu! Ela bebeu: a ama. Quem foi seu guia? Como descobriu o pátio central deste domínio?

ROMEU - Seu cheiro me guiou. Vim buscar minha bela prenda.

JULIETA - A máscara da noite cobre o rubor da minha face. Tenho medo... Se fizer uma jura de amor pode parecer falso como o perjúrio dos amantes, e irei negar o compromisso para não parecer uma donzela facilmente conquistável.

ROMEU - Minha jura é verdadeira, tal coroa de prata da lua.

Luz cai devagar.

Lua se move.

Foco sobre Romeu e Julieta.

JULIETA - Já disse: sem juramentos. Não precisa.

ROMEU - Desejo entregar o mais profundo do meu peito.

JULIETA - Sou impulsiva e dada ao perdão.

ROMEU - E por mais temerário, necessito de sua presença para sempre.

JULIETA - Invada minha alma.

Mudança de luz.

Romeu alcança desnudo o balcão de Julieta.

Julieta deixa cair o manto branco ficando nua.

Eles se abraçam.

Instantes.

Julieta recolhe no chão um grande manto bordado com pedras preciosas e brilhantes, similar ao quadro "O Beijo", de Gustav Klint.

JULIETA - O manto conjugal e nupcial da família Capuleto... Bordados do mais profundo sul da Sicília, de um povoado chamado Mistreta... Onde sopra o vento dos caprichos... O Siroco.

ROMEU - Em um fôlego se veem detalhes na textura, o manto conjugal da família, bordado em pedras preciosas d'África, Egito e Índias Orientais, fios de ouro entrelaçados em linhos impecáveis.

JULIETA - Joias de brilho incomparável. Brilho tão autêntico e interminável como as feições e ardências do sangue juvenil. Sangue imaculado, ardências, feições... Esplendor autêntico e interminável.

Romeu e Julieta se abraçam envoltos no magnífico manto.

JULIETA - Que seja gentil como um cordeiro e arrebatador como um leão, que me leve ao brilho das estrelas até me transformar em luz. Só luz.

Eles se beijam e suspiram.

ROMEU - Sinto minhas notas vibrantes rasgando a abóbada do seu ser...

Ele a penetra por baixo do manto.

JULIETA - Um meteoro alcança meu corpo... Galopa depressa, feroso corcel dentro de mim.

Eles começam a fazer amor.

ROMEU - Meu dragão oculto debaixo do manto será belo tirano. Angélico demônio. Penetra no palácio tão ricamente adornado.

JULIETA - Receba minha oferenda mais pura. Perdi uma virgindade, ganhei outros princípios. Outros inícios... Mas todos com máculas... Existe um novo alvorecer sobre as asas da noite, sinto um orvalho consistente entre as pernas...

Romeu - Invadi o palácio do amor...

Eles alcançam o êxtase.

Música e luz intensas.

Instantes.

Subitamente: luz cai totalmente e música acaba.

CENA 12

Escritório Autor/Dia/Ano 2000

Foco sobre a mesa de acrílico do autor, sobre a qual estão objetos de escritório, como computador, documentos, papéis, canetas etc., e um avantajado calendário que marca o ano 2000.

Instantes.

O autor se apresenta trajando esporte fino.

Em algumas placas de acrílico são projetadas imagens do que se supõe que sejam pinturas do rosto de William Shakespeare.

Em frente ao autor há uma câmera sobre um tripé. Parece que ele está dando uma aula, conferência ou entrevista à distância.

AUTOR - A vida de William Shakespeare até hoje é um mistério... Restam poucos registros de sua vida privada... E infinitas especulações sobre sua aparência física, sexualidade, crenças religiosas e se ele realmente plagiou e melhorou obras de outros autores...

O autor caminha até uma estante com livros.

AUTOR - Grande parte dos estudiosos concorda que Willy, como era chamado na época, deixou seu povoado Stratford-upon-Avon já com dois filhos e esposa grávida. Ao chegar a Londres, e aos vinte e um anos, tornou-se "o protegido" do conde Southampton, proprietário da maior biblioteca particular do reino. O conde, conhecido como um refinado aristocrata, tinha como mentor um professor italiano de enorme cultura: professor Florio.

O autor retira um livro da estante e o abre.

AUTOR - A biografia do professor Florio. Um perfeito renascentista que conhecia várias línguas e todos os livros de mundo... Relata que o conde, naquela época com vinte anos, abrigou em seu castelo o jovem William... No mesmo ano, William faz uma homenagem ao jovem aristocrata com dois sonetos: "Vênus e Adônis" e "A Defloração de Lucrecia".

O autor fecha o livro.

AUTOR - Sonetos de amor, sexo e profana atração... Seria esse um indício da relação homossexual entre Shakespeare e seu protetor?

O autor abraça o livro.

AUTOR - E isso importa? É relevante?... É necessário frisar que o criador não é prisioneiro do sistema social, político ou sexual que o abriga. A obra do artista está acima disso. Se pensássemos assim, Aristóteles e outros tantos dramaturgos clássicos não passariam de pederastas salafrários, pois a relação entre homens e meninos fazia parte do costume da Grécia Antiga.

O autor joga o livro que estava em sua mão no chão e outros que vai tirando da estante.

Nas placas de acrílico são projetadas fotos dos escritores enquanto eles são citados pelo autor.

AUTOR - E por causa disso se pôs fogo nos livros de Oscar Wilde, Garcia Lorca, Bertolt Brecht, Boris Pasternak e Ezra Pound... Hanna Arendt, das maiores pensadoras do mundo, foi jurada de morte. E a brasileira Cassandra Rios foi proibida de publicar durante dez anos...

Instantes.

Silêncio.

Foco de luz no autor.

AUTOR - ...Existe algo que considero ainda mais injusto na vida dos criadores, e isso ocorreu com Shakespeare... Ao contrário do que se imagina, William Shakespeare foi reconhecido, encenado e triunfou quase cem anos depois de sua morte. Garanto que não sabiam. Raramente alguém toca nesse assunto... Mas é verdade, pela simples razão de que no reinado de Elisabeth primeira era o teatro francês e a commedia dell'arte italiana que dominavam os palcos do mundo... Shakespeare morreu anônimo em sua cidade natal.

Instantes.

Silêncio.

AUTOR - Claro que isso não é uma regra, nem uma constante. Mas até hoje acontece. Ou melhor, está acontecendo agora. Um criador está sendo ignorado, esquecido num canto escuro do planeta... Donde se conclui que a humanidade num todo... Detesta o novo e a criatividade. Prefere os atletas.

Silêncio.

Tudo escuro.

CENA 13

Margem do Rio Adige/Verona/Dia/1600

*Escuta-se o ruído de água correndo.
Projeta-se nas placas de acrílico imagens do rio Adige.
Móviles de acrílico se juntam para formar uma pequena colina.
Mercucio dorme envolvido em uma manta.
Surge Teobaldo com sua máscara prateada.
Teobaldo chuta Mercucio até acordá-lo.*

TEOBALDO - Acorda, forasteiro. Acorda!

MERCUCIO - Por que devo acordar? Prefiro dormir na margem do rio Adige.

TEOBALDO - Esse rio é traiçoeiro. É capaz de sugar um Montecchio e sumir com o corpo.

MERCUCIO - Sou um Montecchio que não vive em Verona, portanto não sou forasteiro.

TEOBALDO - Procuro Romeu, que rompeu toda a etiqueta da cortesia ao entrar como bicho rastejante no domínio dos Capuletos. Vim aqui tomar satisfações em nome da família.

MERCUCIO - Quem está aí? Teobaldo, príncipe guerreiro dos Capuletos. Máscara de prata... Por que sua cabeça é tão repleta de lutas quanto um ovo é cheio de alimento? Ou como um intestino cheio de merda?

*Teobaldo tira a sua adaga e a coloca na altura do rosto de Mercucio.
A lâmina brilha.*

TEOBALDO - Nunca se ponha no lugar do morto... Não vim aqui atrás do menestrel das palavras, muito menos vim punir seus pensamentos discordantes como um instrumento de cordas desafinado. Seu baile de palavras, Mercucio, não me interessa. Busco Romeu.

MERCUCIO - Nunca se ponha no lugar do morto... Nobres palavras para uma cabeça marcada por golpes e pancadas.

TEOBALDO - É fácil atirar um poeta afeminado no rio. Mesmo sabendo nadar, não conhece as correntezas e sumidouros do Adige.

MERCUCIO - Caça-ratos. Despeje em mim todos os seus agravos, indignidades, espancamentos. Eu sou Romeu.

Teobaldo, trêmulo, contém a raiva.

TEOBALDO - Não seja atrevido. A lâmina da minha adaga está sempre suja de sangue.

MERCUCIO - Não sabe como me faria bem um arranhão no pescoço.

TEOBALDO - De onde nasce tão desonrosa e vil submissão? Então quer se pôr no lugar do morto?

MERCUCIO - Com muito prazer. A vida de Romeu vale mil vidas, enquanto a sua não passa do destino de um rato podre.

TEOBALDO - Já que implorou, aqui vai um arranhão no pescoço.

Teobaldo desfere um golpe com a adaga no pescoço de Mercucio. Sangue jorra e toma conta.

Instantes,

Mercucio se apoia e desliza sobre uma placa de acrílico (de preferência em frente ao público).

MERCUCIO - Não imagina o favor que me fez... Um arranhão que foi capaz de acabar com todos os dilemas da minha existência...

Mercucio vai caindo e suas mãos sujas de sangue deslizam sobre a placa de acrílico.

TEOBALDO - A morte não é um favor... É um castigo.

Mercucio cria uma pintura moderna com borrões em vermelho.

Luz cai.

Foco sobre Mercucio, que desliza pela placa de acrílico.

Mercucio ri.

MERCUCIO - Jogue meu corpo no rio. Que seja comido pelos peixes... Levado pelas correntezas... E dilacerado pelas pedras... Estou no lugar do morto. Foi só um arranhão que vai esconder minha identidade para sempre...

Mercucio chega ao chão e morre.

Foco sobre os borrões vermelhos no acrílico.

Instantes.

Tudo escuro.

CENA 14

Ruelas de Verona/Dia/1600

Luz.

Nas placas são projetadas imagens de praças, fontes e ruelas antigas de Verona.

Ama cruza o palco correndo.

Ela usa um enorme chapéu de várias pontas de onde pendem longos véus brancos, que não param de crescer e ficam esticados de um lado a outro do palco.

No final os véus caem formando um tapete branco no chão.

Ela está esbaforida e usa leque.

Instantes.

CENA 15

Abadia do Frei Lourenço/Dia/1600

As imagens projetadas se transformam em detalhes do interior de uma abadia medieval.

Em destaque a cruz de Cristo (pode ser uma sombra sobre o palco). Frei Lourenço, ajoelhado, reza constricto e silencioso no canto oposto ao da ama.

Ele tem ao seu lado uma cruz de madeira e um maço de trigo seco. Chega a ama esbaforida ao seu lado.

AMA - Perdão incomodar, frei Lourenço.

Frei Lourenço se benze.

Ama movimenta o leque.

FREI LOURENÇO - Não me diga que ocorreram mais amarguras e pesares.

AMA - Sim, mas ainda temos tempo para uma cerimônia breve, porém legítima.

A mão movimenta o leque de outra maneira.

FREI LOURENÇO - Breve? Legítima? Ainda não tenho o poder de ressuscitar. Mercucio Montecchio se afogou no rio Adige... Foi encontrado comido pelos peixes e mutilado.

Ama perplexa agita o leque.

AMA - Que tragédia... Agora tudo se tornou pior do que imaginava.

Silêncio.

AMA - Amado frei, Julieta perdeu o que tinha de imaculado. Necessita um matrimônio abençoado por Deus, sacramentado pela Igreja e aceito por Verona. Por favor, rogo em nome de minha menina que a cerimônia seja imediata.

Instantes.

FREI LOURENÇO - Então vamos, antes que um demônio faça um milagre malicioso.

Luz cai em penumbra.

Ama e frei cruzam o palco de volta ao ponto de partida, pisando no véu da ama, que ficou estendido.

CENA 16

Balcão/Aposentos de Julieta/Dia/1600

Luz intensa sobre Romeu e Julieta, que estão abraçados envoltos no magnífico manto.

O manto reluz.

Chegam ama e frei Lourenço.

O frei levanta a cruz de madeira, enquanto a ama vai espalhando os ramos de trigo do frei sobre o véu estendido pelo palco.

FREI LOURENÇO - Que sorria o céu frente a essa sagrada cerimônia que irei consagrar.

ROMEU - Sentirei em todos os minutos a presença de minha amada.

FREI LOURENÇO - Juntem as mãos com as juras de que nem a morte, devoradora do amor, jamais desfaça essa união.

JULIETA - Meu sentimento é tão rico em palavras quanto em matéria.

ROMEU - Sonhada felicidade é contar com sua substância.

FREI LOURENÇO - De tal modo exorbitante é o amor entre Romeu e Julieta que não se pode somar a metade de um tesouro ao outro. Devemos criar uma nova arca, incorporando os dois num só corpo.

Foco intenso em Romeu e Julieta.

Frei Lourenço com a cruz benze o casal.

FREI LOURENÇO - Em nome do nosso Senhor, vos declaro casados. In nomine patris, et filii, et spiritus sancti.

TODOS - Amém.

FREI LOURENÇO - De agora em diante serão chamados de marido e mulher.

Frei Lourenço sai.

Seguem envolvidos no manto dourado.

Ama já espalhou todos os ramos de trigo sobre o véu.

JULIETA - Ama, não vem nos bendizer?

AMA - Perdão, minha menina. Não sou a mensageira da aurora.

ROMEU - Um meteoro salta dos seus olhos.

AMA - Jovem Romeu, nem a luz é eterna. Só a escuridão.

Silêncio.

AMA - Mercucio Montecchio nos deixou pelo eterno. Foi o rio.

Perplexidade geral.

Instantes.

Tudo escuro.

CENA 17

Escritório Autor/Noite/Ano 2000

Foco sobre a mesa de acrílico do autor, sobre a qual estão objetos de escritório, como computador, documentos, papéis, canetas etc., e um avantajado calendário que marca o ano 2000.

É noite. Abajures na mesa acesos.

A câmera de vídeo não está mais no ambiente.

Autor fala com um homem de chapéu, que tem nas mãos papéis e caneta.

AUTOR - Sabia que Shakespeare morreu na mesma hora que Cervantes?

HOMEM DE CHAPÉU - Lenda ou verdade?

AUTOR - Em seu último dia, Cervantes foi encontrado envolto num cobertor em um quarto gelado em Madrid. O embaixador francês foi visita-lo em nome do rei de França, que enviou um exemplar da obra "Dom Quixote de la Mancha" para ser autografado pelo autor... Pela cortesia, o rei de França, apaixonado pela obra-prima, ofereceria a Cervantes tudo que estivesse ao alcance real...

HOMEM DE CHAPÉU - Uma oferta imperdível. O que pediu?

AUTOR - Cervantes pensou e disse: "excelentíssimo embaixador, preciso de um prato de sopa quente..." O embaixador, frente ao pedido tão comezinho de um dos maiores gênios que o mundo conheceu, chorou.

Silêncio.

HOMEM DE CHAPÉU - Esquisito.

AUTOR - Humilhante.

HOMEM DE CHAPÉU - Não entendo a cabeça dos artistas... O que é um dramaturgo?

AUTOR - Um homem que Deus criou para perder-se a si próprio.

HOMEM DE CHAPÉU - O que significa isso?

AUTOR - Um demiurgo. Uma espécie de semideus adorado pelos gregos antigos, responsável por denunciar a obra caótica concebida pelo Divino.

Silêncio.

HOMEM DE CHAPÉU - Isso me soa como uma blasfêmia. Uma infelicidade.

AUTOR - Quem disse que viemos ao mundo para sermos felizes? Não se esqueça de que nascemos do pecado original.

Silêncio.

HOMEM DE CHAPÉU - Acho que este contrato vai lhe deixar contente. Escrever um filme de amor no meio de uma guerra: é sucesso garantido.

AUTOR - Para ser sincero, não entendo essa guerra nos Balcãs. De um lado está a Sérvia, de outro, a Croácia; ainda tem Montenegro e também muçulmanos da Bósnia... Tudo isso era uma país chamado Iugoslávia, que de repente virou uma granada e explodiu.

HOMEM DE CHAPÉU - Não pense... Este conflito é uma Torre de Babel em chamas. Seu trabalho não é entender a guerra, é escrever um roteiro.

AUTOR - Não escrevo filmes de propaganda de guerras. Nem políticas ou ideológicas.

HOMEM DE CHAPÉU - O contrato é extremamente claro: uma história de amor.

AUTOR - E por que os americanos estão bombardeando Belgrado, a capital da Sérvia?

HOMEM DE CHAPÉU - Porque eles ainda não entenderam o contexto. Estamos tentando de todos os modos nos aproximar da América. E por isso desejamos um filme colorido, bonito, de paixão... Quanto às bombas, elas são chamadas de inteligentes, pois destroem lugares. A perda econômica é enorme.

AUTOR - E as vítimas?

HOMEM DE CHAPÉU - Poucas... O que importa é o embargo e a economia.

AUTOR - Mais que nunca, o dinheiro faz o mundo girar.

HOMEM DE CHAPÉU - Mas dizem que não traz felicidade.

AUTOR - Mas paga um belo jantar no La Coupole de Paris. Para seis pessoas, com champanhe.

O autor ri.

HOMEM DE CHAPÉU - Recordo que o produtor é um dos homens mais ricos do mundo, paga bem, adora antiguidades, quadros... manuscritos.

AUTOR - Entendi... Manuscritos.

HOMEM DE CHAPÉU - Lembra de um homem negro que usava uma gravata estapafúrdia e um terno azul-marinho na estação de trem de Turim?

AUTOR - Claro.

HOMEM DE CHAPÉU - Morreu. Assassinado na prisão.

Silêncio.

HOMEM DE CHAPÉU - Meu patrão quer comprar um determinado original da Idade Média.

AUTOR - É lógico.

HOMEM DE CHAPÉU - Depois de verificar a autenticidade.

AUTOR - É claro e lógico.

HOMEM DE CHAPÉU - O texto original de Luigi Groto, que serviu a Shakespeare.

Silêncio.

O homem de chapéu coloca os papéis sobre a mesa e mostra uma maleta.

HOMEM DE CHAPÉU - É só assinar o documento.

AUTOR - Tudo preparado.

HOMEM DE CHAPÉU - Nesta maleta vai encontrar nove mil dólares para seus gastos até Belgrado. Uma passagem aérea classe executiva.

AUTOR - Mas é uma região que está em guerra.

O homem de chapéu mostra um documento.

HOMEM DE CHAPÉU - Aqui tem uma autorização da Organização do Tratado do Atlântico Norte, a OTAN, para viajar para a zona de conflito.

AUTOR - Onde vou ficar hospedado?

HOMEM DE CHAPÉU - Já ouviu falar no Palácio Azul de Belgrado? Trouxe uma carta-convite. O palácio fica na área das embaixadas, que jamais são bombardeadas.

AUTOR - Como sabia que iria aceitar tudo?

HOMEM DE CHAPÉU - Porque o mundo inteiro leu a entrevista em que

descreveu pensamentos sobre sua vida profissional... Disse que eram cínicos, negativos e distantes. E acrescentou: "um sentimento de impotência criativa toma conta de mim".

AUTOR - Fui exagerado, hiperbólico. Tem um termo em espanhol que define bem o meu estilo: *esperpéntico*.

Silêncio.

AUTOR - Meu texto é sinuoso feito uma serpente. O bote final é sempre inesperado.

Silêncio.

Homem de chapéu entrega a caneta para o autor.

AUTOR - Por que toda vez que assino um contrato com um produtor, me sinto Fausto vendendo sua alma ao demônio?

HOMEM DE CHAPÉU - Cuidado. Contratos com artistas não são diabólicos. São meras ratoeiras. Alguns nem leem o que está escrito.

Ambos riem.

Autor assina as páginas do contrato.

HOMEM DE CHAPÉU - Tenha cuidado com a encomenda.

AUTOR - Pressinto que ela vale mais que a minha vida.

HOMEM DE CHAPÉU - Seja otimista. Fique feliz por ter assinado o contrato.

AUTOR - Pena que a felicidade jamais é completa.

HOMEM DE CHAPÉU - A infelicidade também.

O Autor assina o contrato.

Luz cai em resistência.

CENA 18

Campo de Trigo/Verona/Dia/1600

Luz se acende.

Sobre os painéis são projetados campos de trigo. O amarelo é predominante.

Sobre o véu branco estendido no palco veem-se os ramos de trigo espalhados.

Foco em Romeu de um lado e, no extremo oposto, outro sobre Teobaldo.

Eles caminham um em direção ao outro. Passos lentos, firmes, determinados e prontos para o embate.

ROMEU - Encontrei a marca do seu punhal no corpo inerte de Mercucio.

TEOBALDO - O corpo de Mercucio foi dilacerado pelas pedras do rio e descarnado pelos peixes. Deve estar escutando o farfalhar dos ramos de trigo.

ROMEU - Toda mentira tem um teto, Teobaldo. E o seu é baixo.

TEOBALDO - Descobri porque os Montecchio são covardes e afeminados. Eles se escondem em vestes masculinas. São indefinidos.

ROMEU - A mim não importa o que descobriu. Vim tomar satisfações.

TEOBALDO - Esqueceu a lição dezesseis do príncipe? Qualquer afronta vingada ou tingida de sangue entre nossas famílias será castigada com a morte.

ROMEU - Covarde, mil vezes covarde. Matou e não reconhece o crime.

TEOBALDO - Mercucio ficou em seu lugar. No lugar do morto.

ROMEU - A perda de Mercucio só dá início à desgraça que irei terminar.

TEOBALDO - Ele morreu como viveu: entre um verso e uma rima pobre.

Romeu saca um punhal.

TEOBALDO - Estúpido Romeu, não venha me dizer que sua fúria nasce de um punhal cego.

Teobaldo saca sua espada e a levanta sobre a cabeça.

ROMEU - É mais do que merece.

Quando Teobaldo baixa a espada tentando golpear Romeu. Este se defende desviando seu corpo.

Ato imediato, Romeu enfia a adaga no abdômen de Teobaldo.

Instantes.

Teobaldo gira, fica de costas para a plateia (nesse instante rompe um artefato com um líquido de cor vermelha). Após sentir a lâmina perfurar seu abdômen, ele fica estático. Enfim se vira para a plateia, inundado de sangue que desce pela boca, abdômen e corpo. A quantidade é suficiente para tingir de sangue o véu que a Ama deixou estendido.

Instantes.

Romeu sai, largando o punhal.

Teobaldo se ajoelha e cai sobre o pano. Ele agoniza se envolvendo no pano branco, que fica todo manchado de vermelho.

Instantes.

Foco de luz se concentra no amontoado de pano imóvel e ensanguentado.

Tocam rapidamente as trombetas.

CENA 19

Lição Dezesete do Príncipe de Verona/Dia/1600

Na placa de acrílico ao fundo é projetado o emblema do príncipe de Verona.

Julieta se apresenta envolvida no magnífico manto de núpcias. Logo atrás chega a senhora Capuleto toda vestida de negro.

SENHORA CAPULETO - Julieta, retire já esta manta, símbolo de laços felizes e estrelas cadentes. Retire!

Julieta deixa cair o manto. Por baixo está toda vestida de negro.

SENHORA CAPULETO - Ouviu as trombetas do príncipe de Verona? São avisos de desgraças e desterros. Teobaldo se foi...

Senhora Capuleto segura o choro, emocionada. Surge o príncipe de Verona, iluminado de baixo para cima. É o ator negro envolto em roupa branca e brilhante. Além da coroa, tem um véu branco sobre o rosto, que esconde sua identidade.

PRÍNCIPE DE VERONA - Súditos, somos sua Sereníssima Alteza Príncipe de Verona. Declaro que Romeu Montecchio, assassino de Teobaldo Capuleto, foi expulso de Verona... Será caçado e, ao pisar no solo deste principado, executado. Exéquias sem honras ou lamentos. Sendo assim, ponho em vigor imediato a lição número dezessete!

Tocam rapidamente as trombetas. Instantes. Tudo escuro.

CENA 20

Abadia do Frei Lourenço/Noite/1600

As imagens projetadas se transformam em detalhes do interior de uma abadia medieval. Em destaque a cruz de Cristo (pode ser uma sombra sobre o palco).

Frei Lourenço caminha atormentado ao redor da cruz.

Sua sombra se move.

Julieta se apresenta vestida de negro.

FREI LOURENÇO - O barco é o corpo... O oceano, a vida.

JULIETA - E as ondas? Por acaso são feitas de um banho de lágrimas?

Silêncio.

JULIETA - Que tempestade é essa que sopra no sentido contrário? Uma trombeta mortal... Que vergonha vestir luto.

FREI LOURENÇO - Não se aflija. Sei que chora pelos dois. Mas não são dois pecados, nem dois sangues, muito menos duas maldições.

JULIETA - Morte e vingança, anunciou minha mãe. Descobriram que Romeu está escondido em Mântua... Minha família Capuleto está enviando emissários de aluguel para assassinar meu marido.

FREI LOURENÇO - Precisamos da ajuda de Deus para salvar seu matrimônio.

JULIETA - Que Deus é esse que mais parece um planeta invisível e incompreensível?

FREI LOURENÇO - Cale a boca, Julieta.

JULIETA - Se prefere, uma estrela, mas inconstante e instável.

FREI LOURENÇO - Não tem permissão para se dirigir assim a Deus. Ordeno que frente à adversidade não encontre ouvidos para sentimentos insanos.

JULIETA - Será a paixão uma loucura?

FREI LOURENÇO - Não! Desconfio que ela está mais próxima da fé.

Silêncio.

FREI LOURENÇO - Vamos buscar um estratagema que possa ser utilizado na alegria do viver escondido.

JULIETA - Deus uniu meu coração ao de Romeu. Não pode desfazer o contrato através da dor e de adagas de sangues, mortes e banimentos.

Frei Lourenço caminha em torno da cruz refletindo em voz alta.

FREI LOURENÇO - As plantas são surdas, mas cuidado... Elas são capazes de chorar orvalhos e envenenar a alma do homem. Entretanto, ervas também curam.

JULIETA - Não entendo suas palavras... Não me fale de remédios, quero morrer. Quero sentir meus lábios e face murcharem como passas.

FREI LOURENÇO - O que disse?

JULIETA - Quero que as janelas de meus olhos se apaguem.

FREI LOURENÇO - Veneno se combate com veneno.

JULIETA - Espero ser enterrada num ossuário entre mandíbulas e crâneos.

FREI LOURENÇO - Vislumbro certa esperança na sua morbidez.

Silêncio.

FREI LOURENÇO - Todo veneno possui seu antídoto, quase sempre é ele mesmo ao contrário.

Foco sobre um baú de acrílico.

Frei Lourenço se aproxima do baú, abre e retira um pequeno frasco de azul intenso.

FREI LOURENÇO - Morte se paga com a morte, mas se pode zombar da mortalha: o simulacro da morte.

JULIETA - Uma representação? Um teatro.

FREI LOURENÇO - Beba do licor destilado.

JULIETA - Não, não sou tão valente assim.

FREI LOURENÇO - É completamente indolor. Será súbito. Um humor frio e letárgico correrá através de seu corpo.

Instantes.

Frei Lourenço entrega o frasco para Julieta.

FREI LOURENÇO - A aparência da morte é perfeita. É um veneno passageiro e misterioso como a paixão, mas sem calor, sopro, nem hálito.

JULIETA - Serei levada para a cripta como morta.

FREI LOURENÇO - Exatamente. Um veneno mentiroso. Ao beber desse elixir, a aparência de um cadáver toma conta do corpo.

JULIETA - Causa da morte: desconhecida...

FREI LOURENÇO - Enquanto isso, tento avisar a Romeu no seu exílio em Mântua, que tudo não passa de uma aventura química na busca da felicidade.

JULIETA - Desperto, encontro Romeu e... Tudo está vivo de novo.

FREI LOURENÇO - Beba. É a única solução. O veneno do simulacro da morte.

Julieta admira o frasco contra a luz.

JULIETA - Vou beber até a última gota. Como se a razão de fingir fosse um privilégio. Tudo numa última gota.

FREI LOURENÇO - Julieta, é impossível ter razão quando o mundo é construído pelo encanto de que tudo é passageiro.

Silêncio.

Instantes.

Tudo escuro.

Imagens fotográficas do bombardeio americano em Belgrado, na guerra de 1999, são projetadas nas placas de acrílico.

Som distorcido de explosões.

CENA 21

Sala/Residência Belgrado/Dia/2000

*Ouvimos ruídos de explosões.
Vê-se ao fundo a projeção de imagens de aviões soltando bombas.
Instantes.
Cidades incendiadas e as consequências de bombardeios. Chamas.
Silêncio.
Entra uma mulher de óculos e vestindo um sofisticado tailleur.
O autor segura a encadernação de couro com o manuscrito.
Do fogo, guerra e destruição, o ambiente se torna requintado.
Mudança de luz para azul.
Agora nas placas de acrílico são projetados quartos e ambientes ao
estilo Luiz XV, marcado por algumas telas modernas azuladas.
O ambiente é diferente dos anteriores.*

MULHER DE TAILLEUR – Gostou da decoração? Estilo clássico, Luiz XV. Repare como eram sofisticados... Magníficos... Seu produtor é um extraordinário colecionador.

Autor admira as projeções.

AUTOR – O famoso Palácio Azul da capital da Sérvia.

MULHER DE TAILLEUR – Belgrado era uma cidade tão linda, pena que as chamas destruíram partes de alguns monumentos em bronze, outros em mármore e racharam metade das Catedrais Góticas. Uma lástima às portas do Terceiro Milênio. Quer dizer, as bombas se dizem inteligentes e as almas dos homens ficam cada vez mais burras.

AUTOR – Quando serei apresentado ao produtor?

MULHER DE TAILLEUR – Nunca. Ele é muito reservado.

AUTOR – Sofre da excentricidade dos bilionários.

MULHER DE TAILLEUR – Ele tem a necessidade de possuir. Que seja um quadro só para ele apreciar. Se não for dele, que não seja de mais ninguém. Cego como uma guerra.

AUTOR – Já estive em três conflitos armados, mas nunca vi uma cidade destruída de maneira tão surreal.

MULHER DE TAILLEUR - Como assim?

AUTOR - Parece que foi comida aos pouquinhos. Falta um andar no prédio. Três lojas de um quarteirão foram subtraídas, duas pilastras de um edifício se evaporaram. Esquisito.

MULHER DE TAILLEUR - As bombas inteligentes do presidente dos Estados Unidos, mister Bill Clinton, simplesmente não explodem... Implodem, evaporam a matéria. Comem como se fossem ratos, não perdem tempo com os buracos e vão direto ao queijo.

AUTOR - Onde está o senhor de chapéu que me contratou?

MULHER DE TAILLEUR - Que homem de chapéu? Desconheço... Preciso do manuscrito para analisar se é verdadeiro ou não.

*Silêncio.
Instantes.*

AUTOR - Vou entregar parte. O final fica comigo até o veredito e compra.

MULHER DE TAILLEUR - Possível compra.

O autor retira algumas folhas manuscritas da encadernação de couro e passa o resto para ela.

AUTOR - Cuidado. É uma relíquia.

A mulher de tailleur manuseia as folhas.

AUTOR - Posso certificar que, como dramaturgo, é o material mais pungente que li na vida.

MULHER DE TAILLEUR - "La Hadriana", o manuscrito de Luigi Groto...

AUTOR - Esquecido por cinco séculos numa biblioteca subterrânea.

*Instantes.
A mulher de tailleur passa os olhos por algumas folhas.*

MULHER DE TAILLEUR - Que quer dizer essa cena "Pombas brancas, sinal de guerra"?

AUTOR - Faz parte quase do final do espetáculo.

MULHER DE TAILLEUR - Mas desde quando pomba branca é sinal de guerra?

Luz cai.

CENA 22

Aparições Personagens em Concomitância/1600-2000

Ouve-se ruídos do revoar de pombas.

Imagens de pombos voando, pombais, pombas solitárias em céu azul são projetadas em algumas placas de acrílicos.

Foco de luz súbito sobre frei Lourenço, que se apresenta inteiramente atônito.

FREI LOURENÇO – Senhora Capuleto, por que está soltando todas as pombas mensageiras?

A mulher de tailleur retira seus óculos e se envolve num xale negro e se torna a senhora Capuleto.

Foco sobre ela.

SENHORA CAPULETO – São dezenas de bombas-correio avisando todos os principados, vilas, vilarejos e entranhas da Terra que Julieta Capuleto já não caminha entre nós.

FREI LOURENÇO – Não deveria ter feito isso, Senhora Capuleto. Não deve pensar que a morte da sua filha foi em vão. Talvez tenha sido um renascimento. Talvez os mortos precisem mais dos vivos do que nós.

Mais um foco se acende, agora sobre Romeu.

Ele está com o dorso desnudo, abaixado e surge do chão do cenário segurando duas gaiolas com pombas (cenográficas).

Instantes.

ROMEU – Julieta morreu. Perdi a espontaneidade do espírito. Enlouquecida vida que menos eterna ficará. A linda Julieta está morta. Será um belo cadáver. Embora sua terna natureza já não exista mais. Julieta está morta...

SENHORA CAPULETO – Maldito, odioso dia. Hora mais miserável da minha existência. Perdi minha filha, Frei Lourenço.

FREI LOURENÇO – Imagino sua dor.

SENHORA CAPULETO – Existem dores piores que as físicas.

FREI LOURENÇO - Milagres acontecem.

SENHORA CAPULETO - Não me venha com seres imagináveis, anjos e libélulas encantadas. Crucifixos, estrelas e quadrantes.

Nesse instante estão em foco: autor, frei Lourenço, senhora Capuleto e Romeu.

AUTOR - Claro, aceito seu convite para um lanche. Patê? Excelente. Posso me servir do espumante italiano?

FREI LOURENÇO - Vamos ter fé. O remédio para a dor neste momento não é a dor, e sim a visão da nuvem da ressurreição fazendo um redemoinho no céu. Criando uma nova perspectiva da luz.

SENHORA CAPULETO - Psiu! Quietos! Suas palavras não fazem sentido. Até as lágrimas são escárnios. Perdi um ser que saiu de mim.

FREI LOURENÇO - Imagine por um instante que tudo não passou de um mal-entendido.

ROMEU - Julieta, quero me deitar com sua morte. Sou aquele que na noite das bodas se deitou com a esposa quase morta... Quero perfumar seu corpo com lavanda. Dar um beijo nos seus lábios antes que o roxo se torne o imperador da sua boca.

FREI LOURENÇO - Fiz um bem que pode desatinar um macabro. Ó, senhor, que mecanismo é esse que faz da vida um longo imprevisto?

AUTOR - Para jantar? Cordeiro assado, creme de leite e frutas secas do oriente. Além do dinheiro, é claro. Tenho que fazer os cálculos em Euros. Daqui pretendo seguir para a Alemanha, onde vou me candidatar para ser professor na Escola de Cinema de Munique... Minha cabeça dói. Tem uma aspirina?

ROMEU - Julieta morreu... Para a cripta. Para o último olhar... O derradeiro sentir.

Romeu sai.

Focos se apagam.

O único que continua aceso é o de frei Lourenço.

Enquanto frei Lourenço fala, as imagens dos pombos desvanecem.

FREI LOURENÇO - Não solte os pombos. Ordeno que cessem os lamentos. Estão proibidos todos os choros e tristezas. É tudo ficção. É só botânica, química. Ela não está morta. Não, não soltem os pombos. Ordeno que cessem os lamentos... É tudo mentira. É teatro!

Imagens dos pombos desaparecem.

Foco sobre frei Lourenço apaga.

Todos saem.

Tudo escuro.

CENA 23

Sala/Residência Belgrado/Dia/2000

As imagens projetam prateleiras de bibliotecas. Mulher de tailleur discute com o autor.

Ela segura algumas folhas de manuscritos e a capa da encadernação de couro.

O autor segura outras folhas de manuscritos.

MULHER DE TAILLEUR - A chance de esse manuscrito ser falsificado é enorme.

AUTOR - Está me ofendendo.

MULHER DE TAILLEUR - Não era essa minha intenção. Dizem que todo escritor é um mentiroso, praticamente um falsificador de histórias alheias.

AUTOR - Por favor, não misture o trabalho de imaginar com a capacidade do homem de se deixar iludir pela mentira. São processos completamente diferentes.

MULHER DE TAILLEUR - Não entendo bem as suas palavras... Seu blazer, por exemplo, é estranho.

AUTOR - O que tem de errado com o meu blazer?

MULHER DE TAILLEUR - O estilo. Parece que é dos anos vinte. Os "anos loucos".

AUTOR - Loucura é empilhar dinheiro vivo, dependurar um quadro atrás do outro e não deixar ninguém ver.

MULHER DE TAILLEUR - Cuidado. Quem está sendo ofensivo é o senhor.

AUTOR - Não. É a senhora que está confundindo ficção com mentira.

MULHER DE TAILLEUR - E o que mais?

AUTOR - Fantasia com sonho. Esses mecanismos não são nada criativos.

MULHER DE TAILLEUR - Quem paga tem sempre razão, mesmo que seja um obsessivo delirante.

AUTOR - É verdade. Mas com certeza esqueceu de que o ato criativo é salutar. É colocar a realidade um ponto acima, só isso. A imaginação está somente num mísero ponto acima da realidade. E isso não é nada. Nada.

MULHER DE TAILLEUR - Quer dizer que se considera um nada, um nulo?

AUTOR - E algum ser humano é mais que isso?

MULHER DE TAILLEUR - A cena de cripta é tão improvável como uma nota de três dólares.

*Ela parece ler as páginas.
Luz cai.
Foco só na mulher de tailleur.*

MULHER DE TAILLEUR - Aqui... Romeu entra na cripta mortuária.

Ouve-se um coro de vozes.

CENA 24

Interior Cripta/Noite/1600

Coro de vozes aumenta.

Foco na mulher de tailleur se mantém.

Luz acende por baixo das placas de acrílico.

Atrás da primeira placa de acrílico vê-se o corpo imóvel de Teobaldo, em posição vertical, envolto no véu ensanguentado em que morreu.

Atrás de outra placa está Mercucio, também na vertical, semblante pálido típico de afogamento com o corpo retorcido, ensanguentado, com algumas partes decepadas, e envolto em algas e uma rede de pesca.

No centro, atrás de uma terceira placa, entre os dois outros mortos, está Julieta imóvel, na vertical, ricamente vestida toda de branco. Parece uma noiva.

Entra Romeu com o dorso desnudo, calça medieval, uma adaga na cintura e o frasco com o veneno na mão.

Romeu se aproxima de Julieta.

MULHER DE TAILLEUR - Uma cripta com três cadáveres de famílias diferentes... De orientações sexuais diversas...

ROMEU - Deus... O que farei da minha fé? Amor, esposa, amante... Julieta, que mão decepou sua juventude? Que inimigo castrou seu vigor? Querida Julieta...

Ele beija a placa de acrílico na altura da boca de Julieta.

MULHER DE TAILLEUR - Mostra o frasco de veneno.

Romeu mostra o frasco.

ROMEU - Puro veneno. A morte deve ser amorosa. Pacto infindo. Consegui a droga com o comerciante de chapéu da botica, logo depois da chegada dos pombos... Qual a mágica que faz a vingança ser encapsulada em vidros e licores, e bem-vinda como o figo maduro da maldade...?

MULHER DE TAILLEUR - Que comerciante é esse de chapéu? Mania de chapéu. Por acaso está se referindo a algum judeu? O senhor é antissemita?

ROMEU - Doce, meloso, de cor e odor irresistível tal fenda fêmea, figo maduro, infinda droga... Tragando tudo, vai ser rápido. Ficamos eternos, imortais, caveiras vazias... Entre ossos podres.

MULHER DE TAILLEUR - Seria importante saber que os maiores colecionadores de manuscritos são judeus. Por acaso o senhor tem alguma simpatia pelo nazismo?

ROMEU - Vou seguir a química desse amargo frasco repugnante de sombria noite...

MULHER DE TAILLEUR - Existe alguma crítica ou acusação velada à indústria farmacêutica neste trecho?

Romeu bebe.

Instantes.

Foco na mulher de tailleur se apaga. Ela desaparece.

Romeu tem uma convulsão.

Momentos.

Ele espuma pela boca. Geme. Seu corpo se dobra e cai.

Que a crise epilética que precede a morte seja convincente e longa.

Ele se contorce no chão até morrer.

Instantes.

Cripta se acende.

Foco sobre Julieta, que acorda atormentada.

JULIETA - Luz. Despertei... O ópio do sono se foi e a transparência da realidade se faz. Sinto cheiro de lavanda.

Julieta sai de trás da placa de acrílico.

Romeu está caído no chão.

Ela nota Romeu.

Ela se aproxima.

JULIETA - Está pálido. Sem forças. O contagioso monstro da morte atingiu a outra parte do meu ser. Por quê? Jamais saberei a resposta...

Instante.

Silêncio.

Julieta dá um grito e chora.

JULIETA - Romeu está morto. Não me atrevo a permanecer num mundo sem ele.

Julietta tenta conter o choro, mas as lágrimas escorrem.

Instantes.

Julietta pega a adaga da cintura de Romeu.

A lâmina brilha.

Julietta ergue a adaga e depois desce sobre seu abdômen.

Ela geme alto e se contorce.

Ela se dobra ao lado de Romeu.

Julietta morre.

Luz fica em penumbra.

Instantes.

CENA 25

Residência Belgrado/Dia/2000

*Volta-se à residência de Belgrado.
O autor discute com a mulher de tailleur.*

MULHER DE TAILLEUR - E Julieta se suicida sem dizer nada?

AUTOR - Mas no original de Luigi Groto Julieta não fala nada. É só ação. É a morte. Quem pôs aquele monólogo genial foi Shakespeare.

MULHER DE TAILLEUR - Impossível. Ao morrer, sempre se diz algo. É como nas caixas-pretas dos aviões: os pilotos dão sempre uma última palavra antes do desastre. E o empoderamento da mulher? Não levou isso em conta? Vamos perder freguesas.

AUTOR - Acho que sou dado ao suicídio. E quando penso nisso, não tenho vontade de falar sozinho.

*Instantes.
Silêncio.*

AUTOR - Um momento... Atrás de um dos manuscritos, ele escreveu uma citação referente à morte de Julieta.

A mulher tailleur manuseia as folhas.

MULHER DE TAILLEUR - O que está escrito aqui?

*Autor e mulher de tailleur ficam estáticos.
Luz da residência fica em penumbra.
Foco sobre Julieta.
Ela sai detrás da placa de acrílico.
Romeu está caído no chão.
Ela nota Romeu e se aproxima.*

JULIETA - Está pálido. Sem forças. O contagioso monstro da morte atingiu a outra parte do meu ser.

Instante.
Julieta chora.

JULIETA - Romeu está morto. Não me atrevo a permanecer num mundo sem ele.

Julieta pega a adaga na cintura de Romeu.
A lâmina brilha.
Julieta ergue a adaga.

JULIETA - Só existem dois dias na vida em que não se pode mudar nada: ontem e amanhã.

Instantes.
Silêncio.

JULIETA - Mas hoje eu posso.

Imediatamente Julieta desce a adaga sobre seu abdômen.
No local onde entra a adaga o sangue explode manchando a roupa branca de Julieta.
Ela se dobra ao lado de Romeu.
Instantes.
Julieta falece.
Foco sobre Julieta se apaga.
Luz retorna para mulher de tailleur e o autor.

MULHER DE TAILLEUR - Mas o que o Luigi Groto quis dizer com essa frase final?

AUTOR - Tudo e nada. Se estiver bom ou mau, não interessa. O julgamento é feito pela plateia. Aliás, nenhum criador é dono da unanimidade. Como disse Nelson Rodrigues: "toda unanimidade é burra".

MULHER DE TAILLEUR - Burrice: termo perfeito. Comprar esse manuscrito falso na atual situação da Sérvia é problema garantido.

AUTOR - Falso? Quem disse que não é verdadeiro?

MULHER DE TAILLEUR - Os técnicos. E os exames que comprovam a idade do pergaminho.

AUTOR - Me devolve os manuscritos, porque estou indo embora.

MULHER DE TAILLEUR - E quem disse que poder sair assim?

AUTOR - Escute bem: pensa que não sei que o governo da Sérvia, sob comando do Milosevic, massacrou milhares de albaneses no Kosovo, além de promover uma limpeza étnica em Srebrenica...

MULHER DE TAILLEUR - Não foi proferida nenhuma sentença condenatória contra o general. Existe uma infinidade de recursos. E no final... Por favor, poderia ler o final da peça? Vamos ver se concordamos em discordar.

AUTOR - Não existe nada mais surpreendente do que o desfecho dado por Willian Shakespeare. É perfeito. O poder vence a emoção, enquanto o elixir da paixão envenena a razão... Mas Luigi Groto pensou em outro final.

MULHER DE TAILLEUR - A sua reputação está neste final. Se nos agradar e agradar a quem queremos agradar... Fechamos negócio.

Tudo escuro.

CENA 26

Ultimato do Principe de Verona/Noite/1600

Na placa de acrílico ao fundo é projetado o emblema do príncipe de Verona.

Surge o príncipe de Verona, iluminado de baixo para cima.

É o ator negro envolto em roupa branca e brilhante.

Além da coroa, tem um véu branco sobre o rosto, que esconde sua identidade.

PRÍNCIPE DE VERONA - Súditos, somos sua Sereníssima Alteza Príncipe de Verona e estamos aqui para declarar a lição número dezoito. Frente à violência, fúria e desordem que germinou em meu principado, a partir de agora rapazes e moças deverão manter a castidade até a idade de dezoito anos. Altos muros deverão ser erguidos em meu principado separando classes, raças e religiões! Além disso, arame farpado será colocado nas entradas e saídas das principais vias. Todas as janelas deverão ser cobertas por grades e as portas trancadas com três cadeados.

Tocam rapidamente as trombetas.

PRÍNCIPE DE VENORA - Parem as trombetas! Ainda não terminei.

As trombetas param de tocar.

PRÍNCIPE DE VERONA - A lição número dezoito tem por objetivo acalmar os ânimos, separar pessoas conflituosas, melhorar a ordem pública e recuperar os valores morais do nosso principado. Forasteiros e imigrantes não podem andar por nossa cidade disseminando outras religiões e costumes. A lição número dezoito entra em vigor imediatamente. Tenho dito. Toquem as trombetas!

Instantes.

As trombetas voltam a tocar.

Instantes.

Silêncio.

Tudo escuro.

CENA 27

Residência Belgrado/Dia/2000

Volta-se à residência de Belgrado.

Luz.

Nos painéis de acrílico se projetam imagens de muros, ruas com arame farpado, grades, barreiras policiais de vários tempos e situações.

Foco sobre a mulher de tailleur.

MULHER DE TAILLEUR - O senhor é insano ou o quê? É imprescindível que a Sérvia agrade aos Estados Unidos e à Europa... Quem faz muros são países comunistas como a China, a Coreia do Norte, o muro de Berlim... Países democratas e ocidentais não fazem muros. Não dividem as pessoas em raças, religiões ou cor da pele... Justamente um negro, que muito branco odeia, é o príncipe de Verona. Onde já se viu isso? E aquele homossexual, pederasta, Mercúcio? Ou melhor, indefinido. Devia morrer por desvio de conduta sexual. Chega, esse final é inapropriado para uma pessoa sensata e ocidental. Esse príncipe gerou guetos repletos de vassalos e imigrantes.

Silêncio.

MULHER DE TAILLER - Pense bem. Estamos às portas do terceiro milênio. Democracia e civilização serão outras a partir de agora. Isso jamais vai acontecer. Pelo menos nos países ditos civilizados.

A mulher de tailleur joga os manuscritos no chão e as folhas deslizam para longe.

MULHER DE TAILLEUR - O manuscrito ou qualquer obra de arte é obrigada a agradar à política do comprador.

Subitamente um foco se acende sobre um globo emaranhado de arame farpado.

Dentro dele está o autor desnudo (se preferir, de cueca).

AUTOR - O que estou fazendo aqui?

MULHER DE TAILLEUR - Fazem várias acusações impróprias ao general Slobodan Milosevic. O senhor mesmo o acusa de genocídio.

AUTOR - Por que estou preso?

MULHER DE TAILLEUR - O Banco Central americano afirmou que nós falsificamos dólares... Tudo teatro. Mentira.

A mulher de tailleur joga um monte de dólares para o alto.

MULHER DE TAILLEUR - Nós provamos que foi um sul-americano que, da Itália até aqui, distribuiu esses dólares pelo caminho. A Interpol adorou a nossa descoberta.

AUTOR - Preso por falsificar dinheiro...

MULHER DE TAILLEUR - Como todos sabem, "Romeu e Julieta" não é uma história de amor. Em qualquer versão ou autoria ela é a fábula da desgraça, da desventura da felicidade. Foi se meter onde não devia.

Nesse instante o foco se acende sobre Teobaldo e Mercucio mortos.

CENA 28

Residência/Arame Farpado/Cripta/Dia/1600-2000

Luz sobre: mulher de tailleur, autor preso no emaranhado de arame farpado, Teobaldo e Mercucio em suas sepulturas de acrílico.

AUTOR - Mas não fui julgado.

MULHER DE TAILLEUR - Estamos em guerra. Estado de sítio.

AUTOR - Exijo que chame a minha embaixada.

MULHER DE TAILLEUR - O estado de direito está voltando passo a passo.

AUTOR - Não sou um falsário.

MULHER DE TAILLEUR - Difícil. Sua autorização da OTAN também era falsa.

Silêncio.

AUTOR - Sou uma pessoa criativa. Como caí numa cilada dessas?

MULHER DE TAILLEUR - Desconhece suas fraquezas.

AUTOR - Qual delas? Tenho tantas.

Instantes.

CENA 29

Residência /Arame/Cripta/Romeu-Julietta/Dia/1600-2000

Luz sobre: mulher de tailleur, autor preso no emaranhado de arame farpado, Teobaldo e Mercucio em suas sepulturas de acrílico, Romeu e Julieta mortos no chão.

MULHER DE TAILLEUR - Viver da ilusão e acreditar que só a arte é capaz de dar um sentido para a vida. Por que traiu Shakespeare?

AUTOR - Só demonstrei que a semente criativa de Shakespeare é muito mais que isso. É um atalho. É um convite para criar e recriar... As obras-primas sempre serão dele... Por quanto tempo vou ficar preso aqui?

MULHER DE TAILLEUR - Aqui onde? No arame farpado? Ou agarrado na sua imaginação?

Silêncio.

MULHER DE TAILLEUR - Diria um tempo enorme... Explique o que entende por eternidade.

*Luz se apaga em penumbra.
Mulher de tailleur continua sob foco.*

CENA 30

Arame/Cripta/Romeu-Julietta/Dia/1600-2000

Foco sobre os personagens mortos ao fundo (Julietta, Romeu, Teobaldo e Mercucio).

Também foco na Ama, frei Lourenço e o príncipe de Verona.

Foco em zênite em todos os personagens, transformando-os em estátuas eternizadas.

Foco intenso no autor preso no arame farpado.

AUTOR - A eternidade... Lá só vivem os personagens que, de quando em vez, vêm nos visitar para conferir nossa imperfeição... Quanto a nós, seres humanos... A eternidade é uma matéria recheada de tempos mortos e esquecimentos.

Instantes.

Tudo escuro.

Baixa o pano.

Fim do espetáculo.

Doc Comparato

Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 2020.

Este livro foi composto e diagramado
nas fontes Courier New Bold,
Ariel Normal, Bold e Black

O AUTOR

Doc Comparato nasceu no Rio de Janeiro em 3 de novembro de 1949. Médico de formação, começou a escrever roteiros enquanto exercia a Medicina. A arte falou mais alto. Há mais de 40 anos passou a se dedicar à escrita. É autor de obras pioneiras na tv brasileira, como **Lambião e Maria Bonita** (1982), primeira minissérie latino-americana e medalha de ouro do New York Film Festival, **O Tempo e o Vento** (1985) e as primeiras séries brasileiras: **Plantão de Polícia**, **Quarta Nobre**, **Mulher** e **A Justiceira**.

É escritor, roteirista, script doctor e conferencista. Suas obras estão publicadas em diversos países da América Latina e Europa e foram traduzidas para o inglês, espanhol, italiano, francês e alemão.

No Teatro, Doc criou três trilogias. A primeira intitulada **Trilogia do Amanhã**, composta de peças escritas nos anos 1980 e 1990: **Plêiades**, **O Beijo da Louca**, que recebeu o antigo Prêmio Nacional de Teatro, e **O Despertar dos Desatinados**. Depois veio a **Trilogia do Tempo**, constituída por peças escritas até o ano 2000: **Nostradamus**, **Michelangelo** e **O Círculo das Luzes** – todos os textos encenados no Brasil e na Itália.

Nostradamus recebeu o prêmio Anna Magnani. Em terceiro veio a **Trilogia da Imaginação**, composta por **Sempre**, **Jamais** e **Eterno**. Com uma capacidade imagética impactante, Comparato nos traz a figura de uma escritora de livros infantis, Calabar e os dias secretos de Orson Welles no Brasil. Em textos aparentemente simples, mas recheados de significados.

Além das trilogias, Doc assina outros textos de sucesso, como a peça infantil **A Incrível Viagem** (1985), e **As Tias** (1982), escrita em parceria com Aguinaldo Silva.



Uma das obras literárias mais importantes de Doc Comparato é o livro **Da Criação ao Roteiro**, que apresenta técnicas para o desenvolvimento e escrita de roteiros para Cinema, Teatro e Televisão. É considerado uma fonte fundamental para o estudo do tema e adotado como material didático em universidades e escolas ao redor do mundo. Em 2018, **Da Criação ao Roteiro** ganhou uma edição em comemoração aos 40 anos de profissão do autor, que inclui principalmente teoria, roteiros, exemplos, exercícios, etc. sobre streaming, novas mídias, redes sociais, manipulação de notícias, fake news, realidade virtual, games, webséries, objetos dramáticos, animação e até inteligência artificial. A obra já está sendo traduzida para lançamento na Espanha e países de língua espanhola em 2020.